

O CONCEITO DE INTERNET NA PESQUISA EM COMUNICAÇÃO NO BRASIL

Davi de Castro¹

Luisa Maranhão²

Janara Sousa³

Resumo

Esta pesquisa integra o rol de investigação acerca da internet realizada pelo grupo “Internet e Produção Científica”, da Universidade de Brasília. Para este artigo, lançamos um olhar sobre a produção científica na área da Comunicação em busca de compreender qual o conceito de internet forjado pelos nossos pares. Partindo do pressuposto que a definição conceitual é uma prerrogativa fundamental do fazer científico, perguntamos ao material coletado o que é a internet. Essa amostra considerou os artigos científicos publicados entre os anos de 2005 e 2011 nos periódicos nacionais melhores avaliados pelo Sistema Qualis, da CAPES, no ano de 2011. Pelo método da Bibliometria, analisamos o material publicado pelos quatro autores mais produtivos, nomeadamente: Alex Primo, Erick Felinto, Eugênio Trivinho e Raquel Recuero.

Palavras-chave

Internet, redes sociais, cibercultura.

Abstract

This study is part of a bigger research about the internet made by the group "Internet and Scientific Production" from University of Brasilia. For this paper, we give a look on the scientific production in the field of communication to understand what is the concept of internet built by our peers. This sample considered scientific papers published between 2005 and 2011 in the seven best evaluated journals by the system Qualis, Capes, in 2011. We, then, analyzed the material published by the four most productive authors, namely: Alex Primo, Erick Felinto, Eugênio Trivinho and Raquel Recuero.

Keywords

Internet, social media, cyberculture.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é refletir sobre o conceito de internet que tem sido construído na área da Comunicação no Brasil. Para tanto, a proposta é analisar a produção científica da área e observar como os nossos pares têm avançado no amadurecimento deste debate. Assim, é preciso esclarecer duas questões fundamentais para tornar esta proposta mais clara: por que analisar os pares? Por que debruçar-se sobre o tema internet?

A questão da análise da produção científica é seminal para o amadurecimento da área do saber. Consultar os pares acerca de conceitos, métodos, objetos é fundamental para compreensão dos limites, desafios e perspectivas de determinada área. Esta empresa exige dedicação, atenção e fôlego para enfrentar o volume de informações coletadas.

A área da Comunicação está institucionalizada no Brasil desde a década de 1970, quando temos cursos de graduação, nas mais diversas habilitações e os primeiros cursos de pós-graduação. Segundo o site da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), existem 41 programas de pós-graduação em Comunicação no Brasil. Muitos destes têm periódicos científicos para escoar, promover e estimular a produção dos seus quadros. Há inúmeros eventos nacionais, como os realizados por duas grandes associações, Intercom e Compós, que reúnem pesquisadores nacionais e latinos para debater a Comunicação ou temas específicos ligados a ela. Esta rápida e limitada exposição que fizemos não tem a pretensão de esgotar o cenário do capital acadêmico e científico da Comunicação no Brasil, mas para ilustrar o quanto este se torna cada vez mais amplo e relevante.

Diante desse capital científico acumulado, analisar a produção científica se torna tarefa fundamental. O projeto que temos é, como colocou Fausto Neto (2002) e Romancini (2006), o de olhar para dentro ou mesmo um “projeto interno”, permitindo-nos aproximar criticamente e vermos, entre outros aspectos, e em última instância, qual ciência estamos produzindo. E quem sabe contribuir para responder a pergunta do pesquisador Fausto Neto, quando incentiva a busca do projeto interno: “Qual é a nossa causa?” (FAUSTO NETO, 2002, p. 33).

A ação de analisar a produção científica brasileira na área de Comunicação começou nos anos 90, a partir de autores como José Marques de Melo. No entanto, é precisamente nos últimos anos que este trabalho tem se intensificado pelas mãos de autores como: Richard Romancini (2006 e 2011), Margarida Kunsch (1997, 2003 e 2011), Carlos Alberto Araújo (2005), Primo *et al* (2008) e outros. Além da análise da produção científica do campo da Comunicação de forma geral, alguns autores aplicam-se ao exame de temas específicos dentro do campo, como é o caso dos estudos de internet. Autores como Raquel Recuero, Suely Fragoso, Adriana Amaral e Sandra Montardo dedicam-se a compreender as temáticas, metodologias e tendências dos estudos de internet no Brasil.

Esse cenário nos dá condições também de refletir sobre a segunda questão que colocamos logo no início desta introdução: por que a internet? A resposta poderia ser relativa à presença cada vez mais intensa da internet nas nossas atividades cotidianas. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), divulgados em 2011, quase metade da população brasileira (47%) tem acesso à rede mundial de computadores. Em 2005, a porcentagem era de menos de 21%. O impacto social, individual e até mesmo político é inquirido pela sociedade, pelo meio político, científico e acadêmico.

Outra justificativa importante é o espaço que os estudos de internet têm ganhado na Comunicação. Como evidencia revistas, dossiês, eventos e linhas de pesquisa de programas de pós-graduação, voltadas para compreender diversos aspectos relativos à rede. Destaque-se que uma associação de pesquisadores para se dedicar ao estudo de cibercultura foi fundada, em 2006, a Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (ABCiber), reunindo vários pesquisadores do campo. Ressalvemos, novamente, o quadro apresentado não traduz suficientemente todas as contribuições do campo para os estudos de internet, mas, certamente, ilustra um pouco o cenário do relevante e amplo capital científico construído sobre o tema.

Este trabalho faz parte da pesquisa que vem sendo realizada, desde o ano de 2011, pelo grupo “Internet e Produção Científica”, coordenado pela pesquisadora e professora do curso de Comunicação Organizacional e da linha de Teorias da Comunicação da Universidade de Brasília, Janara Sousa. O grupo está dedicado ao projeto de pesquisa “Análise da produção científica da pesquisa em Comunicação brasileira: um olhar sobre a internet”, que busca

examinar o que os investigadores brasileiros têm publicado nos periódicos da área da Comunicação sobre a rede mundial de computadores, quais as temáticas e métodos mais recorrentes nesta pesquisa, quem são esses pesquisadores e quais são suas redes de influência. Especificamente, para este artigo, lançamos um olhar para produção científica em busca de compreender qual o conceito de internet forjado pelos pares. Partindo do pressuposto que a definição conceitual é uma prerrogativa fundamental do fazer científico, perguntamos ao material coletado, o que é a rede mundial de computadores. Neste sentido, analisaremos o material em busca de reconhecer se há um momento para a definição conceitual de internet na nossa amostra, observar os autores citados que servem de apoio para construção deste e, finalmente, apontar quais as principais características do conceito ou dos conceitos enunciados pelos autores.

1 O debate sobre internet

O conhecimento da história da internet permite compreender que a aproximação entre a rede mundial de computadores e a academia está estabelecida desde os primórdios da nova tecnologia. Universitários norte-americanos contribuíram para o desenvolvimento da rede, nos anos 1960, que, posteriormente, expandiu-se por outras partes do mundo.

No final dos anos 1980 e início dos 1990, o crescimento de computadores conectados foi exponencial, a capacidade de comunicação entre os indivíduos se expandiu. Os militares, patrocinadores dessa tecnologia, tinham por objetivo manter informações interligadas eletronicamente por computadores, de modo que não houvesse um comando central, pois, assim, em caso de ataque a um dos pontos da rede, a conexão ainda ficaria ativa. Moraes (2004, p. 34) ressalta que “esse dado histórico permite observar que a internet é descentralizada desde sua concepção original”.

A internet tal como percebemos hoje foi concebida em 1994 com a implementação da World Wide Web (WWW), criado pelo inglês Tim Berners-Lee, no Centro Europeu de Investigação Nuclear (CERN), em Genebra (CASTELLS, 2003). Apesar de ser de origem norte-americana, a tecnologia se desenvolveu nas principais universidades e núcleos tecnológicos do mundo,

com destaque para os institutos dos EUA, Grã-Bretanha, França e Inglaterra.

Mas, afinal, o que é a internet? A *Internet Society* conceitua que ela “é ao mesmo tempo uma rede mundial com capacidade de transmissão em larga escala, um mecanismo para disseminação da informação e um meio para colaboração e interação entre indivíduos e computadores sem prezar pela localização geográfica” [tradução livre]⁴. Por meio da internet uma nova dimensão na vida social é percebida, rica de múltiplas possibilidades. Lemos acredita que “a relação entre o campo social e as novas tecnologias é construída pela apropriação simbólica” (2010, p. 106).

Os pesquisadores da área da Comunicação estão preocupados em compreender como se dá essa apropriação simbólica e os aspectos deste novo ambiente criado pela rede. Neste histórico de investigações, uma parte dos cientistas começa a delinear o caminho de estudos sobre internet, na Comunicação. Ardévol (2002) sugere quatro enfoques pesquisados na área: a internet como modelo cultural, a qual seria uma nova cultura decorrente das novas tecnologias da comunicação e informação; como formas culturais, “o estudo dos aspectos culturais vinculados a interação mediada pelo computador” (ARDÉVOL, 2002, p. 04). Em terceiro, o relativismo cultural e interculturalidade, a cibercultura em oposição ao mundo offline; e, por último, como produto cultural, com o acréscimo do prefixo “ciber” aos usos que são atribuídos à rede, como ciberpunk.

Alguns anos adiante, em 2010, Ardévol, em parceria com Estalella, escreve outra perspectiva de compreensão da internet. Ela pode ser percebida como um objeto de estudo, “um espaço em que se encontra documentado uma enorme diversidade de fenômenos sociais” (p. 04); e como um instrumento de investigação, local onde o pesquisador pode fazer entrevistas, aplicar questionários e criar grupos de discussão, a fim de conseguir resultados sobre os mais diversos temas.

Adriana Amaral, Raquel Recuero e Suely Frago (2012) também discutem a divisão dos estudos sobre internet. As autoras acreditam que, quando o pesquisador adentra neste tema, ele deve: contextualizar o objeto dentro do que a Academia investiga, sugerir questões relacionando a internet com o poder e a condição humana, dilatar a discussão para além dos

conhecimentos, fisicamente, próximos, fundamentando conceitos e definições científicas. Percurso, inclusive, que nós estamos buscando traçar para entender melhor a rede mundial de computadores.

As autoras (2012, p. 37) citam Welman, autor que periodiza os estudos em três fases: a primeira com os distópicos e os utópicos, ou os descrentes e os crentes nas potencialidades da internet; a segunda com “a sistemática documentação para coleta e observação tanto dos usuários como dos tipos de usos e práticas sociais”. E, a terceira, na análise dos dados, vinculada mais ao contexto anglo-saxão das pesquisas sobre a rede mundial de computadores. Com o resgate internacional do histórico sobre internet, as autoras apontam que, no Brasil:

Observa-se que um direcionamento rumo à pesquisa empírica em internet entra com maior força apenas a partir da segunda metade dos anos 2000, pois, antes disso, boa parte dos estudos voltava-se a aspectos filosóficos ou até mesmo psicológicos, cujas abordagens eram estritamente teóricas e/ou ensaísticas, sem comprometimento com a coleta de dados no campo.(AMARAL et al, 2012, p. 37).

A fim de contribuir com as pesquisas brasileiras sobre internet, Janara Sousa investigou os estudos de internet no âmbito da produção científica sobre Jornalista. Ela constatou que eles são, predominantemente, de caráter qualitativo e ensaístico. Os pesquisadores enfocam na análise dos conteúdos publicados na rede mundial de computadores.

Sousa (2012) também percebeu uma publicação pulverizada, com esforços pontuais dos autores em realizar a investigação, e não como um projeto de pesquisa mais extenso para a elaboração de conhecimento acadêmico aprofundado. Esta situação indica, inclusive, outra observação: a predominância da publicação individual. Considerado o recente tempo cronológico de inserção da internet no Brasil, o cenário ainda está muito incipiente, a academia está se transformando, os cientistas estão compreendendo-a, para então, aprender a estudá-la.

2 Procedimientos metodológicos

Este trabalho faz parte de uma investigação realizada pelo grupo de pesquisa “Internet e Produção Científica”. No ano de 2011, o grupo construiu uma amostra de análise da produção científica brasileira na área de Comunicação sobre os estudos de internet. Essa amostra considerou os artigos científicos publicados, entre os anos de 1998 e 2011, nos periódicos nacionais melhores avaliados pelo Sistema Qualis, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no ano de 2011. A amostra foi composta pelos seguintes periódicos, que possuíam, à época, a avaliação B1: Contracampo, E-compós, Famecos, Galáxia, Intercom, Matrizes e Comunicação, Mídia e Consumo. Nestes, foram coletados 190 artigos que compuseram o quadro de análise da investigação.

A escolha dos artigos deve-se ao fato de acreditarmos que a produção científica mais atual e de maior impacto está nos periódicos científicos, especialmente, nos que são melhores avaliados, os quais, possivelmente, têm mais impacto no campo científico e mais autores interessados em destinar sua publicação a eles. As revistas escolhidas são reconhecidas e respeitadas no nosso meio e aceitam, somente, publicação de autores que são doutores, doutorandos, mestres e mestrandos.

Aqui, apropriamo-nos de parte da amostra, construída pelo grupo, para compreender o conceito de internet forjado pelos autores mais produtivos. Para tanto, buscamos somente o material publicado entre os anos de 2005 a 2011, precisamente quando a produção tem um grande salto quantitativo, considerando que até o ano de 2004 o volume encontrado foi de 17 artigos, enquanto o período de 2005 a 2011 responde por quase toda a amostra: 173 trabalhos: (...) somente no ano de 2005 houve mais publicações do que em todo o período de 1998 a 2004. Certamente, tem-se aí um achado importante para nossa pesquisa. Mesmo considerando as limitações da nossa amostra, é possível que os estudos de internet tenham ganhado mais força no Brasil, na área de Comunicação, a partir da segunda metade dos anos 2000. Se considerarmos a fundação da ABCiber como um marco, o que aconteceu em 2006, isto pode explicar o aumento do número de pesquisadores e publicações que deu condições deste surgimento e também o alto volume de artigos publicações em 2007, ano em que, nos periódicos analisados, houve a maior quantidade de trabalhos (SOUSA, 2012).

O período selecionado é simbólico de um momento no país em que os autores passaram a se preocupar com o tema e até mesmo formar associações de pesquisa, como é o caso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (ABCiber). O lapso de tempo do período investigado também deu condições de perceber os autores que se dedicaram com mais ênfase ao tema, evidenciado pelo volume de publicações. Este número não pode ser o único aspecto importante para revelar autores dedicados aos estudos de internet, mas é uma pista relevante. Isto porque considerando o grau de importância e influência dos periódicos analisados é de se supor que autores que voltaram as pesquisas para este tema invistam esforços para publicar nestas revistas.

O procedimento metodológico para tratar a nossa amostra foi a Análise Bibliométrica. Classicamente, ela é conhecida por seus estudos com relação aos indicadores de citação, no entanto existem outros dois indicadores que também são utilizados para compreender a produção científica de uma área: os de ligação e produção. Para esta pesquisa, trabalharemos com os indicadores de produção:

Os indicadores básicos de produção são constituídos pela contagem do número de publicações do pesquisador, grupo de pesquisadores, instituição ou país e objetivam refletir seu impacto junto à comunidade científica a qual pertencem, dando visibilidade àqueles mais produtivos, bem como às temáticas mais destacadas de uma área do conhecimento (GRACIO e OLIVEIRA, 2011, p. 252).

No período analisado, buscamos os autores que mais publicaram. Essa busca nos trouxe o nome de 12 pesquisadores que produziram, pelo menos, três artigos no período de 2005 a 2011, nos periódicos analisados.

Tabela 1 - Autores mais publicados e anos de publicação

Autor	Número de artigos	Ano
Adriana Amaral	4	- 2005 - 2006 - 2007 - 2009
Alex Primo	7	- 2006 - 2007 - 2008 - 2010
André Lemos	3	- 2005 - 2008 - 2009
Cláudia Quadros	3	- 2005 - 2010
Erick Felinto	5	- 2005 - 2006 - 2008 - 2011
Eugênio Trivinho	6	- 2006 - 2007 - 2008 - 2010 - 2011
Francisco Paulo Jamil	4	- 2005 - 2007 - 2010 - 2011
Francisco Rüdiger	3	- 2007 - 2008 - 2011
Raquel Recuero	6	- 2005 - 2007 - 2008 - 2009
Sandra Montardo	3	- 2009 - 2010
Simone Sá	3	- 2006 - 2009 - 2010
Suely Fragoso	3	- 2006 - 2008 - 2011
Total	50	

*Para esta tabela consideramos somente os primeiros autores.

Fonte: Elaboração própria.

O Quadro 1 nos apresenta os nomes dos autores que formam a “elite de pesquisa” sobre os estudos de internet. Os pesquisadores mencionados são bastantes conhecidos na área e formam parte de cursos de graduação e pós-graduação importantes no Brasil. Para efeito deste artigo, escolhemos analisar o material publicado pelos quatro autores mais produtivos, nomeadamente: Alex Primo, Erick Felinto, Eugênio Trivinho e Raquel Recuero. São autores que tem destaque na pesquisa sobre internet e cibercultura no Brasil. Igualmente, tratam-se do número de artigos por autor, exceto Alex Primo, com um artigo a mais, todos os outros têm praticamente o mesmo número de publicações. Dando uma margem de erro menor na análise, já que a oportunidade de leitura de trabalhos dos autores é praticamente a mesma.

O total de artigos analisados foi de 23. Para eles lançamos uma questão básica relativa ao conceito de internet. Outros aspectos emergem como importantes para respondermos a essa pergunta, como: o tipo de pesquisa feita; as características enunciadas da rede; as diferenciações feitas entre o conceito de internet e outros, como cibercultura; os autores citados para apresentar um conceito de internet; e, é, claro, a própria enunciação deste conceito. No próximo tópico apresentaremos os principais resultados encontrados.

4 Apresentação e análise dos resultados

4.1 Raquel Recuero

Raquel Recuero é jornalista, professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas, Rio Grande do Sul. A autora é uma das pesquisadoras brasileiras que mais produz estudos sobre redes sociais e comunidades virtuais na Internet, centrando-se na produção empírica.

Como podemos analisar nos seis artigos aqui listados⁵, Recuero se preocupa em compreender a dinâmica dos processos da rede social, desde as estratégias de personalização até o capital social gerado nesses ambientes, buscando, por vezes, delinear uma tipologia dessas redes.

Apesar de todos os estudos analisados envolverem, direta ou indiretamente, a internet, a autora prossegue discussão de suas interfaces sem trazer à tona o debate próprio do que seria a internet.

Recuero se debruça sobre as plataformas de sociabilidade na web, as redes sociais, retomando a trajetória histórica do conceito, traçado antes do advento da rede mundial de computadores. A pesquisadora (2008, p. 39) recorre aos autores como Boyd & Ellison para conceituar os sites de rede social:

Definimos site de rede social como serviços baseados na web que permitem aos indivíduos: 1) construir um perfil público ou semipúblico dentro de um sistema limitado; 2) articular uma lista de outros usuários com quem esses usuários dividem uma conexão; e 3) ver suas listas de conexões e aquelas feitas por outros no sistema. A natureza e a nomenclatura dessas conexões podem variar de site para site.

Para a análise da organização das redes sociais na internet, a autora (2005) ressalta que é fundamental compreender a interação mediada pelo computador em todos os seus aspectos. Recuero (2009, p. 4) enfatiza que é por meio dessa conversação mediada pelo computador “que são estabelecidas e evidenciadas as trocas que darão origem às redes sociais observadas no ciberespaço”. A autora investiga trocas e processos que se dão dentro do sistema dos sites de rede social, como construção da identidade, capital social, laço social, conversação etc. Para isso, a pesquisadora analisa plataformas como blogs, Orkut e, mais recorrentemente, os Fotologs.

Recuero afirma que é por meio das ferramentas de personalização presentes nesses sites de redes sociais que os interagentes constroem suas identidades, reconhecem-se como atores e passam a estabelecer laços e capital social pela interação. “É nesta interação que vão nascer as redes sociais suportadas pelos sistemas de comunicação mediada pelo computador” (RECUERO, 2008, p. 54).

A autora também discorre sobre a diferença da conversação no ciberespaço. Segundo ela, a mediação pelo computador impõe certas barreiras tecnológicas para a interação que a

comunicação presencial, a conhecida face-a-face, não possui. “Assim, para compreender como a conversação é estabelecida nesses ambientes, é preciso, também, compreender a ferramenta como meio” (RECUERO, 2009, p. 3). Eis aqui uma pista de como a autora compreende a internet.

Em suma, os artigos levam-nos a concluir que a rede mundial de computadores e suas plataformas permitem a mediação da conversação e com isso surgem novos agrupamentos sociais, novas formas de identificação, de interação e de construção do “eu”. “Diante disso, surgem, nos últimos anos, as chamadas ferramentas ditas ‘sociais’, ou seja, aquelas que focam esse exercício da sociabilidade e as chamadas redes sociais” (RECUERO, 2009, p. 118). A rede é vista como um ambiente que, por ser tecnológico, rege-se por regras um tanto diferentes do nosso, eis aí um dos motivos de a autora denominar tal ambiente de ciberespaço.

4.2 Alex Primo

Alex Primo é pesquisador e professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O autor se dedica a estudar a sociabilidade no ciberespaço, investigando a comunicação mediada por computador em pesquisas empíricas, muitas tendo como objeto empírico os blogs.

Dos sete artigos publicados entre 2005 e 2011⁶, em apenas um deles Primo se dedica, brevemente, a conceituar a internet, em específico o que seria a segunda geração de serviços on-line, a chamada Web 2.0. Segundo o pesquisador (2007, p. 2), ela “caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo”.

Na tarefa de conceituar a Web 2.0, Primo recorre aos estudos de Tim O’Reilly, considerado o criador da expressão Web 2.0. Em outros artigos, o pesquisador também busca conceitos e autores de outras disciplinas, sobretudo a Sociologia. Isso porque são apropriados conceitos de outras matrizes para o ambiente on-line, como o de rede social e conversação.

Primo busca, sistemáticamente, compreender a interface dos blogs⁷ e como estes são espaços propícios à sociabilidade. A temática blogosfera é recorrente nos artigos aqui listados. Para o autor, essas ferramentas “transformaram-se em um importante espaço de conversação”, facilitando-a, inclusive (2010a, p. 2). A perspectiva é semelhante à da pesquisadora Raquel Recuero.

Devido à grande variedade de blogs, Primo se preocupa em apresentar um conjunto de elementos que buscam observar esses sites quanto à sua temática, gênero, processo produtivo, entre outros, se esforçando em criar uma matriz para sua tipificação. O autor critica as generalizações e, por vezes, o reducionismo presente em algumas pesquisas sobre a blogosfera.

Os recorrentes estudos sobre blogs revelam a busca de Primo em compreender as conversações e as interações em ambientes mediados por computador. Assim, ele direciona os estudos para discutir como se dão as “interações dialogais em e entre blogs” (2006, p. 3). Mas, afinal, o que são as conversações? Primo (2006) retoma conceitos de autores como Simmel, Goffman e Marcuschi para tratar o assunto.

A conversação é a “prática social mais comum no dia-a-dia do ser humano”, a primeira forma de linguagem a que somos expostos e aquela que jamais abandonamos no curso da vida (Marcuschi, 2001, p. 5). A conversação, no entanto, é estudada de formas bastante distintas. Alguns pesquisadores preferem defini-la de forma restrita, enquanto outros com maior amplitude. (PRIMO, 2006, p. 3)

Do mundo “real” ao “virtual”, o pesquisador discute suas diferenças. Ele aponta, então, as especificidades da conversação no ciberespaço e explica que “na comunicação mediada por computador a coerência conversacional pode ser mantida, apesar da quebra das sequências e regras, que seriam observadas em um encontro face-a-face”. (PRIMO, 2006, p. 6)

Primo (2008a, p. 47) considera que blogs e microblogs fazem parte do que denomina de “composto informacional midiático”, que seria o “conjunto de informações disseminadas tecnologicamente por meios de comunicação que servem para atualização individual sobre

notícias”. O conceito, ressalta o autor, não se centra apenas no eixo da recepção, uma vez que as interfaces digitais permitem a interação mútua. “Blogs e microblogs viabilizam processos comunicacionais de dupla via, não a mera distribuição de informações, típica dos meios de massa e da maior parte da mídia de nicho” (PRIMO, 2008a, p. 57).

O autor analisa também a visibilidade que as redes sociais na internet podem conferir aos indivíduos, ressaltando a apropriação que muitos fazem em busca da “fama” e reconhecimento nesses espaços. Em uma citação referente ao anseio de muitos interagentes pela fama, ele resume as possibilidades que a Web 2.0 confere aos seus usuários: “Como todos podem ser repórteres cidadãos, redatores de enciclopédias colaborativas e designers em sites de moda na Web 2.0, o desejo “eu também quero ser celebridade” revela-se coerente com esse imaginário” (PRIMO, 2010 b).

4.3 Erick Felinto

Erick Felinto de Oliveira⁸ é pesquisador e professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). O conhecimento da história acadêmica dele contribuiu para a compreensão de parte de sua produção científica. Os cinco artigos selecionados, entre 2005 e 2011, evidenciam, principalmente, a busca do autor pelo conceito de cibercultura.

Felinto participou do projeto de pesquisa “Crítica do Imaginário Tecnológico: Novas Tecnologias e Imagens da Transcendência”, de 2001 a 2006. Em 2013, ele vinculou-se aos projetos “Cartografias de Cibercultura: Epistemologia e Imaginário de um Novo Campo”, de 2006; e “Cartografias da Cibercultura: a Teoria da Mídia Alemã”, de 2010. A exposição da trajetória auxiliará na explanação a seguir.

Iniciando as investigações sobre cibercultura, no artigo “O Pós-Humano Incipiente: Uma Ficção Comunicacional da Cibercultura” (2005), Felinto compreende a cibercultura como uma parte da cultura, mas também de toda a realidade, e ambas transformam os indivíduos em seres fantasiosos. O autor argumenta que a tecnologia presente na cibercultura “é um depósito de sonhos, fantasias e expectativas sociais” (FELINTO, 2005, p. 12).

Ao fim do primeiro projeto de pesquisa, Felinto escreve “A Comunicação dos Autômatos: O Imaginário do Pós-Humanismo na Internet (Conclusões de uma Pesquisa)” (2006). Os objetivos eram observar como o pós-humano é representado na cibercultura e compreender a internet como uma fonte de informações sobre alguns assuntos.

O autor apresenta a seguinte perspectiva, “o pós-humanismo se caracteriza como uma atitude mental de abertura ao progresso tecnológico, por meio do qual se espera, em última instância, alcançar a superação das limitações que caracterizam a experiência humana”. (FELINTO, 2006, p. 04) Assim, por meio dos avanços tecnológicos, a humanidade progride e supera obstáculos.

A afirmativa é questionada, pelo próprio Felinto, no mesmo artigo. Entretanto, em 2008, no artigo “*Think different*: estilos de vida digitais e a cibercultura como expressão cultural”, um princípio base da noção de cibercultura, “a inextricável relação (que parece cada vez mais íntima) entre os mundos da cultura e da tecnologia” (FELINTO, 2008a, p. 14).

Substituindo pós-humanismo por mundos da cultura, a cibercultura seria o progresso dos indivíduos, em conjunto com o desenvolvimento tecnológico. Segundo o autor, estudar a cibercultura “é enfrentar abertamente essa complexidade que agrega num único espaço materialidades, imaginários e performances sociais” (FELINTO, 2008a, p. 15).

No mesmo período, 2008, Felinto publica o artigo “Videotrash: o Youtube e a cultura do “spoof” na internet”, cujo objetivo é evidenciar os meios eletrônicos como novos espaços de visibilidade e de novo valor social. A internet possui um inesgotável espaço de armazenamento de conteúdo, a baixo custo financeiro, e que, “está se tornando um ‘segundo lar’ para os nossos eus midiaticizados” (FELINTO, 2008b, p. 35).

Por fim, o último artigo desta seleção, quando Felinto cursa o Pós-Doutorado, na Alemanha, e fundamenta-se, principalmente, em autores alemães é o “Em Busca do Tempo Perdido. O Sequestro da História na Cibercultura e os Desafios da Teoria da Mídia” (2011), no qual o autor fala da dificuldade de conceituar cibercultura. Dentre as justificativas para esta situação, ele cita a falta de perspectiva histórica com relação à cibercultura.

No entanto, Felinto não quer conhecer o passado para entender o presente, “não se trata necessariamente apenas (e sempre) de recordar o que foi esquecido, mas também (e talvez prioritariamente) de *imaginar* o que poderia ter sido” (FELINTO, 2011, p. 48). O imaginário não deixa de ser elemento importante nos estudos do autor.

Após esta exposição, percebe-se o refinamento na pesquisa de Felinto com relação ao objeto de estudo: a cibercultura. Nesta seleção, o pesquisador inicia o estudo com autores franceses, como Philippe Breton e Pierre Lévy, e finaliza com os alemães. Ao final, ele não conceitua cibercultura, mas indica que a definição está próxima a de imaginário.

4.4 Eugênio Trivinho

O pesquisador e professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Eugênio Rondini Trivinho⁹, é autor de nove livros, dentre eles, “A Dromocracia Cibercultura: Lógica da Vida Humana na Civilização Mediática Avançada”, em 2007, obra que o autor cita quando faz referência ao conceito de cibercultura. O interesse pelo assunto, contudo, é anterior, pois Trivinho tornou-se doutor com a tese “Cyberspace: crítica da nova comunicação”, pela Universidade de São Paulo (USP).

Considerando o sucinto histórico acadêmico apresentado do pesquisador, a leitura dos artigos científicos não surpreende a complexidade dos temas abordados. Em “A Condição Transpolítica da Cibercultura” (2006), Trivinho apresenta o modo de socialização cibercultural:

Sua complexidade dromocrática – aquela relativa a um contexto social-histórico imanentemente promanado da velocidade tecnológica e comunicacional como regime de articulação e modulação da vida humana – radica numa equação empírica tautológica sileciosamente embutida nos *discursos publicitários pantópicos (corporativos, governamentais e/ou acadêmicos) de promoção da época: o imperativo histórico da interatividade como procedimento comportamental padrão e conservador* (cf. TRIVINHO, 2005) requer de todos os indivíduos e setores *acesso ao domínio privado pleno das senhas*

infotécnicas de acceso ao e de participação permanente e efetiva nas relações sociais na cibercultura. (TRIVINHO, 2006, p. 93)

A partir desta explanação, com autocitação de conceitos até então desconhecidos, a tentativa de compreensão faz-se necessária, mas, principalmente, a importância de recorrer a obras anteriores de Trivinho para compreender o pensamento do autor. Deste trecho, percebe-se que a democracia é um período histórico, em que a velocidade da tecnologia e da comunicação formata o comportamento humano, por meio dos discursos publicitários. Situação, contudo, que exige as capacidades infotecnológicas e cognitivas para a realização.

Em “Cibercultura e Existência em Tempo Real. Contribuição para a Crítica do Modus Operandi de Reprodução Cultural da Civilização Mediática Avançada” (2007), Trivinho equaciona o conceito de cibercultura ao fenômeno da existência em tempo real, resultando na civilização glocal. Quando o indivíduo utiliza da tecnologia e da cognição para interagir e estabelecer um vínculo social, com outras pessoas com as mesmas capacidades.

Em 2008, o “*Bunker* Glocal: Configuração Majoritária Sutil do Imaginário Mediático Contemporâneo e Militarização Imperceptível da Vida Cotidiana” (2008), o autor desenvolve o conceito de *bunker*, e o relaciona com o glocal e a cibercultura. “O *bunker* resta instalado nessa realidade híbrida – a realidade glocal – que, dada a sua *invisibilidade processual-operatória*, vigora em todos os lados e em *lugar* algum.” (TRIVINHO, 2008, p. 23), ou melhor, na cultura mediática, a cibercultura.

Em 2010, Trivinho publica dois artigos relacionados ao tema da visibilidade mediática. O primeiro “Visibilidade Mediática, Melancolia do Único e Violência Invisível na Cibercultura” discute a presença do indivíduo nos *media*, enquanto o segundo, “Espaço Público, Visibilidade Mediática e Cibercultura: Obliteração Estrutural da Esfera Pública no Cyberspace” enfoca nas discussões promovidas, nos *media*, decorrentes da exposição de cada pessoa nos *media*.

A leitura conjunta destas produções científicas proporciona o entendimento da trajetória acadêmica atenta ao conceito de cibercultura, vinculando-a ao imaginário, ao contexto sócio-

histórico e às capacidades infotecnológicas e cognitivas. Estes três eixos norteiam e auxiliam a investigar os temas correlatos, como transpolítica, tempo real, *bunker* glocal, visibilidade mediática e espaço público.

Considerações Finais

Os quatro autores estão, especialmente, centrados: Raquel Recuero e Alex Primo na região Sul, Erick Felinto e Eugênio Trivinho, na Sudeste. Coincidência, ou não, os dois pares se assemelham na pesquisa realizada sobre internet. Enquanto Recuero e Primo realizam pesquisas com caráter essencialmente empírico, Felinto e Trivinho, ainda que também façam este tipo de pesquisa, possuem forte viés epistemológico, cujo cerne está em conceituar a cibercultura.

Em suma, os artigos analisados denotam a preocupação em compreender como se dão as práticas sociais na rede mundial de computadores. Para isso, debruçam-se em plataformas que emergiram a partir da internet, como os sites de rede social. Apesar de a maioria negligenciar a conceituação da internet, pelo menos nos estudos aqui listados, infere-se a importância desta e sua condição *sine qua non* para o fenômeno abordado, seja quanto à cibercultura seja em relação às redes sociais on-line.

Recuero e Trivinho não elaboram nenhuma definição explícita e direta acerca da internet. Primo, ao analisar a conjuntura atual, acredita que ela esteja em sua segunda geração, uma vez que os espaços para interação são cada vez mais frequentes e o público dispõe de formas de publicação, compartilhamento e organização das informações. Felinto entende a internet como um espaço onde se armazena informações. O autor, aliás, é o único a estabelecer uma diferenciação entre internet e cibercultura – esta seria composta de materialidade, de imaginário e de desempenho social.

Referências

ARDÉVOL, E. Cibercultura. In.: <http://cv.uoc.edu/~grc0_000199_web/pagina_personal/ardevol.pdf>. Acesso em 11 de julho de 2013.

ARDÉVOL, E; ESTALELLA, A. Internet: Instrumento de Investigación y Campo de Estudio para la Antropología Visual. In.: <http://www.antropologiavisual.cl/estalella_&_ardevol.htm>. Acesso em 11 de julho de 2013.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, v. 1, 4ª ed, 2003.

FAUSTO NETO, Antonio. “A pesquisa vista “de dentro de casa””. In: Weber, Maria Helena; Bentz, Ione e Hohlfeldt, Antonio (orgs.). **Tensões e objetos da pesquisa em Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

FELINTO, E. A Comunicação dos Autômatos: O Imaginário do Pós-Humanismo na Internet (Conclusões de uma Pesquisa). In.: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. UnB. Brasília. 2006.

FELINTO, E. Em Busca do Tempo Perdido. O Sequestro da História na Cibercultura e os Desafios da Teoria da Mídia. In.: **Matrizes**. Ano 04, p. 43-55, nº 02. São Paulo. Jan./Jun. 2011.

FELINTO, E. O Pós-Humano Incipiente: Uma Ficção Comunicacional da Cibercultura. In.: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. UERJ. Rio de Janeiro. 2005.

FELINTO, E. *Think different*: Estilos de Vida Digitais e a Cibercultura como Expressão Cultural. In.: **Revista FAMECOS**. Nº 37. Porto Alegre. Agosto/2008a.

FELINTO, E. Videotrash: o Youtube e a Cultura do “spoof” na Internet. In.: **Revista Galáxia**. Nº 16, p. 33-42. São Paulo. 2008b.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de Pesquisa para Internet**. – Porto Alegre: Sulina, 2012. (Coleção Cibercultura).

Grácio, M. C. C.; [Oliveira, Ely Francina Tannuri de](#). “Produção e comunicação da informação em CT&I GT7 da ANCIB: análise bibliométrica no período 2003/2009”. In: **Liinc em Revista**, v. 7, p. 248-263, 2011.

LEMOS, André. **Cibercultura**: Tecnologia e vida social contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2010.

Mellado, Claudia. “Análisis estructural de la investigación empírica sobre el periodista latinoamericano”, **Comunicación y Sociedad**, Núm. 13, enero-junio, pp. 125-147 Universidad de Guadalajara, México, 2010.

MORAES, Francilaine Munhoz. **Discurso jornalístico on-line**: a perspectiva crítica da narratividade. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, 2004.

PRIMO, Alex. A cobertura e o debate público sobre os casos Madeleine e Isabella: encadeamento midiático de blogs, Twitter e mídia massiva. **Galáxia**, São Paulo, Vol.8, n.16, 2008a. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1912/1174>> Acesso em 30 agosto 2012.

PRIMO, Alex. SMANIOTTO, Ana Maria Reczek. Blogs como espaços de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs insanus. **E-Compós**, Brasília, Vol.5, 2006. Disponível em < www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/67/67> Acesso em 10 junho 2013.

PRIMO, Alex. Blogs e seus gêneros: avaliação estatística de 50 blogs em língua portuguesa. **Matrizes**, São Paulo, v. 4, nº 1, 2010a. Disponível em <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/171/286>> Acesso em 10 junho 2013.

PRIMO, Alex. Do narcisismo, celebridades, celetoides e subcelebridades: o caso Tessália e sua personagem Twittess. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, vol. 7, n. 20, 2010b. Disponível em < <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/307/214>> Acesso em 10 junho 2013.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E-Compós**, Brasília, vol. 9, 2007. Disponível em <www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/153/154> Acesso em 10 junho 2013.

PRIMO, Alex. Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera. **Famecos**, Rio Grande do Sul, nº 36, 2008b. Disponível em < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/4425/3325>> Acesso em 10 junho 2013.

RECUERO, Raquel. Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: Uma proposta de estudo. **E-Compós**, Brasília, v. 4, 2005. Disponível em <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/seminario2005.pdf>> Acesso em 15 junho 2013.

RECUERO, Raquel. Diga-me com quem falas e dir-te-tei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. **Famecos**, Rio Grande do Sul, Vol. 1, nº 38, 2009. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/5309/3879/>> Acesso em 15 junho 2013.

RECUERO, Raquel. Estratégias de personalização e site de redes sociais: um estudo de caso da apropriação de Fotolog.com. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 5, nº 12, 2008. Disponível em <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/18/8>> Acesso em 15 junho 2013.

ROMANCINI, Richard. O campo científico da Comunicação no Brasil: institucionalização e capital científico. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2006.

SOUSA, Janara. “O perfil da investigação sobre internet na pesquisa em Comunicação brasileira”. In: Colóquio Internacional Teorias dos Meios de Comunicação no Brasil e no Canadá: história e atualidade. Salvador, 2012.

TRIVINHO, E. A Condição Transpolítica da Cibercultura. In.: **Revista FAMECOS**. Nº 31, Porto Alegre/RS. 2006.

TRIVINHO, E. *Bunker* Glocal: Configuração Majoritária Sutil do Imaginário Mediático Contemporâneo e Militarização Imperceptível da Vida Cotidiana. In.: **Comunicação, Mídia e Consumo**. Vol. 05, nº 12, p. 11-34. São Paulo. 2008.

TRIVINHO, E. Cibercultura e Existência em Tempo Real. Contribuição para a Crítica do Modus Operandi de Reprodução Cultural da Civilização Mediática Avançada. In.: **E-Compós - Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Agosto/2007.

TRIVINHO, E. Espaço Público, Visibilidade Mediática e Cibercultura: Obliteração Estrutural da Esfera Pública no Cyberspace. In.: **Revista FAMECOS**. V. 17, nº 03, p. 266-277. Porto Alegre, 2010.

TRIVINHO, E. Visibilidade Mediática, Melancolia do Único e Violência Invisível na Cibercultura. Significação Social-Histórica de um Substrato Cultural Regressivo da Sociabilidade em Tempo Real na Civilização Mediática Avançada. In.: **XIX Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Rio de Janeiro. 2010.

¹ Davi de Castro é jornalista e mestrando em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Participa, desde 2012, do grupo de pesquisa “Internet e Produção Científica”, conduzido pela professora Janara Sousa. E-mail: davidecastro2@gmail.com

² Luisa Maranhão é formada em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Atualmente, cursa mestrado em Comunicação pela Universidade de Brasília e participa, desde 2012, do grupo de pesquisa “Internet e Produção Científica”, conduzido pela professora Janara Sousa. E-mail: luisa_maranhao@hotmail.com

³ Janara Sousa é jornalista, mestre em Comunicação e doutora em Sociologia, pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente, é professora -adjunta dos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Comunicação, UnB, onde conduz o grupo de pesquisa “Internet e Produção Científica”. E-mail: janara.sousa@gmail.com

⁴Trecho original: “*The Internet is at once a world-wide broadcasting capability, a mechanism for information dissemination, and a medium for collaboration and interaction between individuals and their computers without regard for geographic location.*” In.: <http://www.internetsociety.org/internet/whatinternet/history-internet/brief-history-internet> Acesso em 17 de setembro de 2013.

⁵ Analisamos seis textos publicados pela autora no período de 2005 a 2011. Os artigos analisados foram: “Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: uma proposta de estudo”, publicado em 2005 pela E-Compós; “Estratégias de personalização e site de redes sociais: um estudo de caso da apropriação de Fotolog.com”, publicado em 2008 pela Comunicação, Mídia e Consumo; “Diga-me com quem falas e dir-te-tei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet”, publicado em 2009 pela

Famecos; “Tipologia de Redes Sociais Brasileiras no Fotolog.com”, publicado em 2007 pela E-Compós; “Redes Sociais na Internet: Considerações Iniciais”, publicado em 2005 pela E-Compós; “Um estudo do capital social gerado a partir de redes sociais no Orkut e nos Weblogs”, publicado em 2005 pela Famecos.

⁶ Foram analisados sete artigos do autor, publicados entre 2005 e 2011, os quais: “O aspecto relacional das interações na Web 2.0”, publicado em 2007 na E-Compós; “Blogs e seus gêneros: avaliação estatística de 50 blogs em língua portuguesa”, publicado em 2010 pela revista Matrizes; “Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera”, publicado em 2008 pela Famecos; “Blogs como espaços de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs insanus”, publicado em 2006 em co-autoria com Ana Maria Smaniotto pela E-Compós; “A cobertura e o debate público sobre os casos Madeleine e Isabella: encadeamento midiático de blogs, Twitter e mídia massiva”, publicado em 2008 pela Galáxia; “Do narcisismo, celebridades, celetoídes e subcelebridades: o caso Tessália e sua personagem Twittess”, publicado em 2010 pela Comunicação, Mídia e Consumo; e “Avaliação qualitativa de interações em redes sociais: relacionamentos no blog Martelada”, publicado em 2007 pela Comunicação, Mídia e Consumo.

⁷ Para Primo (2008b), os blogs são “muito mais que uma simples interface facilitada para a publicação individual, como são frequentemente definidos”. O autor lembra que essas páginas são “espaços coletivos de interação”, que podem se converter em pontos de encontro.

⁸ Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4791914A1>. Acesso em: 05.07.2013.

⁹ Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=B934529>. Acesso em: 06.07.2013.